

SANESER

TRAUMA Y TIEMPO. EL OFICIO DE ANALISTA EN TRES GENERACIONES

TRAUMA E TEMPO. O OFÍCIO DO ANALISTA EM TRÊS GERAÇÕES

TRAUMA AND TIME. THE ANALYST'S CRAFT ACROSS THREE GENERATIONS

Reseña realizada por: Solange Wonham
ORCID: 0009-0005-5363-8694

Correo electrónico: solangewonham@gmail.com
Asociación Argentina de Psicoterapia de la Niñez y a
Adolescencia

Fecha de recepción: 30 – 04 - 2026
Fecha de aceptación: 05 – 05 - 2026

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Wonham S. (2026) TRAUMA Y TIEMPO.

EL OFICIO DE ANALISTA EN TRES GENERACIONES

Intercambio Psicoanalítico 17 (1), DOI: 10.60139/InterPsic/17.1.17

Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

TRAUMA E TEMPO. O OFÍCIO DO ANALISTA EM TRÊS GERAÇÕES

Resenha redigida por
Solange Wonham¹

Autoras: Berezin, A.; Wikinsky, M.; Feldman, L.

Ano: 2025 - 249 páginas

Editora: La Cebra, Buenos Aires

¹ Licenciada e Professora em Psicologia (UNLP) – Especialista em clínica de adultos e idosos (certificação concedida pelo Colégio de Psicólogos da Província de Buenos Aires, Distrito XI) – Graduada pela escola de pós-graduação Psicanálise das Infâncias e Adolescências (ASAPPIA) – Docente do ensino superior no ISFDyT nº 49 de Brandsen – Membro aderente da ASAPPIA.
Publicações em revistas especializadas.

I. Apresentação

Há algum tempo venho interagindo com a chamada inteligência artificial: porque meus pacientes mais jovens a introduzem na clínica e ela constitui um território ainda em grande parte desconhecido, mas também pela necessidade —não isenta de curiosidade— de compreender o tempo em que vivemos.

Recentemente, a partir de uma sessão com uma jovem que enumerava as vantagens dos chamados bots terapêuticos, perguntamos juntas ao ChatGPT qual seria a diferença entre um bot e um analista, e se a IA poderia substituir o ofício do analista.

A resposta foi categórica: *uma IA não pode substituir um terapeuta porque não possui corpo, nem emoções, nem subjetividade*. Acrescentou que, embora possa *compreender, analisar e acompanhar por meio da linguagem*, não é capaz de produzir *um vínculo humano transformador*.

Essa cena introduz, em chave contemporânea, uma pergunta que atravessa o livro: o que define o ofício do analista?

Durante boa parte da minha formação, deparei-me com obras extremamente interessantes sobre o ofício: formulações instigantes acerca da técnica e da teoria, casos clínicos que evidenciavam o sofrimento e suas transformações, análises magistrais e intervenções que alimentavam meu desejo de saber. No entanto, muitas dessas obras se mostravam enigmáticas no encontro com quem escrevia: textos esvaziados de autor. Uma neutralidade que, na prática, torna-se oca —sem marcas da presença do analista.

Isso contrasta com a referência constante ao fundador de nossa disciplina, Sigmund Freud, que —tanto no texto quanto em seus paratextos—, ao trabalhar sua obra e revisar sua casuística, deixa sinais precisos de seu estar implicado: humano, sensível aos desdobramentos de seu pensamento e de sua época, generoso ao compartilhar suas hesitações e reformulações.

O livro de Ana Berezin, Mariana Wikinsky e Lila Feldman inscreve-se nessa tradição de uma psicanálise implicada. Não se trata de uma obra acadêmica no sentido mais clássico, ao menos não para quem espera uma leitura distanciada. Aqui, a teoria não se apresenta como um corpo estranho: ela pulsa e vibra ao ritmo daquilo que, no entrelaçamento entre tempo e trauma, se reanima nos corpos daqueles a quem escutamos, acompanhamos e sustentamos em seu sofrimento.

Trata-se de uma escrita comprometida, que articula três analistas, três gerações e um ofício que as atravessa e transforma. Nessa mesma medida, intervém no leitor: o toca, o afeta, o desestabiliza.



II. Estrutura e desenvolvimento

O livro organiza-se como uma escrita a três vozes, alternando percursos autobiográficos, desenvolvimentos conceituais e reflexões clínicas.

No prólogo, Juan Carlos Volnovich situa a obra no contexto atual, marcado pela crise do pensamento crítico e pela tendência à sacralização teórica em determinados espaços psicanalíticos. Assinala que as autoras constroem *uma usina capaz de iluminar os caminhos de recomposição do pensamento crítico* (Volnovich, 2024, p. 20).

Parte de uma questão que, em sua leitura, anima o livro: *O que devemos nos perguntar, nós psicanalistas, diante dos níveis atuais de destruição e desamparo?* (Volnovich, 2024, p. 11). O recorte do “início” de Ana, “o borrado” de Mariana e “o rastro” de Lila operam como chave de acesso a essa interrogação. São marcas que, ao se deslocarem do singular de cada uma, tecem uma trama comum, sem perder sua dimensão íntima, pessoal e histórica. Um jogo que convoca o leitor a participar dessa textura, sem poupá-lo de suas implicações e afetos.

O desenvolvimento da obra desdobra essa questão por meio de diferentes eixos:

• Trauma e tempo

As autoras apresentam aqui o núcleo de sua aposta: narram o traumático no crisol do ofício e de seus tempos, leem-se mutuamente, diferenciam-se e complexificam suas singularidades. Na apresentação do livro, Eduardo Müller afirmou que *três grandes solistas podem cantar em coro*, dando lugar a um texto heterogêneo e generoso.

Há uma decisão que as atravessa: a de uma transmissão *ascendente, horizontal, fecunda, de transformações mútuas e móveis* (Berezin, Wilkinsky e Feldman, 2024, p. 23).

• Des-horas

Cada autora narra os inícios e marcos de seu percurso implicado, assim como as experiências, leituras e questões que orientaram seus caminhos.

Ana Berezin (1971–2024) insiste na pergunta pela dor humana evitável. Sua obra *Sobre la crueldad, la oscuridad en los ojos* (2010) testemunha essa insistência, atravessada pelos tempos que lhe coube viver — e que também nos atravessam. Referências como Freud, Butler, Aulagnier e Pontalis, entre outros, sustentam esse percurso. Berezin toma posição ao denunciar a patologização equivocada de certos lutos e os desvios de uma psicanálise dita “neutra”, afirmando que *toda ética deve ter uma resposta à dor humana evitável*.

Mariana Wikinsky (1983–2024) aborda o traumatismo do exílio e do terrorismo de Estado. Essas marcas, presentes em sua história familiar e coletiva, situam seu retorno ao país após a última ditadura argentina, no marco de um compromisso com os direitos humanos. Sua prática clínica testemunha a ideia de *psiquismo aberto ao real*, proposta por Silvia Bleichmar, e contribui para o desenvolvimento de uma clínica do trauma centrada nas vítimas, bem como para a criação de dispositivos de acompanhamento articulados à luta contra a impunidade.

Lila Feldman (1997–2024) articula psicanálise, política e literatura, definindo sua prática como um *ofício de traficar saberes*. Questiona as formas institucionais de transmissão e a verticalidade na formação, retomando a noção de “grupúsculos” de Osvaldo Saidón: instituições nômade, não organizadas pela lógica mestre-discípulo. Afirma que toda escuta é política e sustenta que a psicanálise constitui, em si, uma proposta política singular.

• Desvelos

Um dos núcleos centrais do livro articula trauma, temporalidade e ética.

Nesse ponto, ressoa um exemplo de Silvia Bleichmar, que descreve a cena de uma criança de três anos incapaz de dormir ao imaginar o sofrimento de sua amiga que havia esquecido sua boneca. Trata-se, segundo a autora, de um sujeito ético, capaz de reconhecer o sofrimento do outro e de se implicar nele.

As autoras escrevem a partir de seus próprios desvelos, deixando entrever formas de subjetividade nas quais a dor do outro irrompe a ponto de impedir o descanso. Poder-se-ia falar de uma espécie de insônia ética, que também alcança o leitor. Em seus textos, recusam a naturalização do sofrimento e interrogam suas condições de produção.

Nomeiam o cenário contemporâneo, despatologizando-o enquanto forma de fascismo, com seus modos cruéis de operação e seu ataque à capacidade de pensar. Questionam teorias que revitimizam, denunciam dispositivos violentos e revisitam práticas como delação, confissão e censura. Propõem, apesar de tudo, pensar a violência. Revisitam silêncios e reelaboram categorias como próximo, semelhante e inimigo.

Nesse entrelaçamento entre o singular e o comum, emerge o conceito de formações políticas da subjetividade, que convoca à tomada de posição no tempo presente, na escuta clínica e frente aos ventos infames da época.

• O que resta do dia e epílogo

Os capítulos finais não encerram o texto, mas o mantêm em aberto, como um trabalho que respira em direção a outros tempos. Trata-se de uma aposta em curso, que se gesta e se corporifica.

III. À guisa de conclusão

Retomo a cena inicial com a inteligência artificial —um território que:

...cresce exponencial e irremediavelmente (...) enquanto nossa própria capacidade de sustentar um pensamento crítico se rende ao império da pós-verdade e do artifício como moral suprema (Feldman, 2024, p. 224).

Em contraste com essas formas de inteligência, o livro encarna uma inteligência artesanal e profundamente humana: uma escrita que não evita a implicação.

Trauma e tempo pode ser lido como uma intervenção no campo psicanalítico contemporâneo. Diante de um cenário atravessado por novas tecnologias e formas renovadas de sofrimento, as autoras propõem pensar o ofício do analista —para além da técnica ou da teoria sacralizada— como uma posição ética que tece um comum possível e sustenta um laço que não se reduza à dor evitável.

Pensar esse ofício a partir de três gerações não é apenas um recurso narrativo, mas uma afirmação ética e necessária. Não há como concebê-lo fora dos tempos que habitamos, das marcas históricas, políticas e subjetivas que nos atravessam e que nos exigem, reiteradamente, reinventar a escuta para sustentar o laço com o outro frente à crueldade, à indiferença e ao cinismo contemporâneos.

Referências Bibliográficas

BLEICHMAR, S. La construcción de legalidades como principio educativo. (2007) Conferência disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mu7Fua_m18&t=3s. Acesso 16/04/2026.

BEREZIN, A.; WIKINSKY, M.; FELDMAN, L. (2025) *Trauma y tiempo: el oficio de analista en tres generaciones*. Editora La cebra, Buenos Aires.